PEDRAS VIVAS
SUPLEMENTO SEMANAL DO JORNAL DA MADEIRA
WWW.JORNALDAMADEIRA.COM | DIRETOR: GISELO ANDRADE | 23 DE NOVEMBRO DE 2025 | NÚMERO 246

D.R.

“Um leigo é muito mais do que um ‘não-padre’”

António Pedro Barreiro fala sobre a missão dos leigos

Chama-se António Pedro Barreiro e é teólogo. No próximo dia 29 de novembro vai estar na Diocese do Funchal a orientar mais uma edição da Jornada Diocesana dos Leigos, no Colégio de Santa Teresinha. Aos participantes irá falar sobre o tema “Igreja, comunhão e participação”. Ao Jornal da Madeira, fala do seu interesse pela teologia e diz que “vivemos num tempo de corações anestesiados por distrações e barulho” e que é preciso “‘abanar’ esse torpor”. Diz também que fomentar uma participação mais ativa e corresponsável dos leigos na vida da Igreja passa por perceber que “um leigo é muito mais do que um ‘não-padre’. É alguém com uma missão concreta, no meio do mundo. Seja no âmbito da família, seja na vida profissional, seja na política, na cultura ou na sociedade”.

Ao recordar o seu percurso, António Pedro Barreiro sublinha que a teologia nasceu para si de um reencontro decisivo com Deus na juventude, quando estudava Ciência Política. “Vivi uma experiência de encontro vivo com Jesus, que me marcou profundamente”, afirma. Reconhece que o seu caminho se fez de pessoas concretas, como o seu pai, professor de EMRC, e dois padres que lhe “mudaram a vida” ao anunciarem Cristo com autenticidade. Hoje, vive a vocação laical com a consciência de que cada cristão é chamado à santidade no quotidiano, seja na família, no trabalho ou na sociedade.

“Vivi uma experiência de encontro vivo com Jesus, que me marcou profundamente”.

Quanto aos desafios atuais da Igreja, o teólogo considera que o essencial passa por “despertar” homens e mulheres marcados pela distração e pelo cansaço interior.

Neste contexto, a Igreja é chamada a permanecer fiel e criativa, levando Cristo ao coração da cultura contemporânea. L.G.

DIOCESE DO FUNCHAL

Fé ou magia pop

P. Giselo Andrade

Recordo-me bem de quando surgiram os livros e os filmes do Harry Potter. Nas salas de catequese, esse universo aparecia espontaneamente: discutiam-se feitiços, magia e forças ocultas. Hoje, esse imaginário reaparece noutros espaços. Um dos mais curiosos é o do cinema, ou melhor, do streaming televisivo, com produções como "Guerreiras K-pop" (Huntr/x), onde um grupo de raparigas, estrelas pop, se revela como caçadoras de demónios, num mundo carregado de símbolos, música, poderes e luta contra as trevas.

Estas narrativas mostram que, mesmo numa cultura profundamente tecnológica, o ser humano continua a desejar histórias que devolvam mistério ao quotidiano. Em "Guerreiras K-pop", as protagonistas oscilam entre a fragilidade humana e a força sobrenatural, combatem entidades malignas e movem-se numa fronteira constante entre o visível e o invisível. Não deixa de ser revelador que muitos se identifiquem mais com estas "guerreiras" do que com os heróis tradicionais do passado.

A presença crescente deste tipo de narrativas nas plataformas digitais confirma aquilo que o teólogo João Duque tem observado: a nossa cultura está a recuperar "um fascínio por um ambiente mágico". Esse fascínio é evidente nos videojogos, nos universos de fantasia e agora também em filmes onde a música, a dança e a estética juvenil se entrelaçam com a luta espiritual contra forças ocultas. Estes produtos culturais oferecem precisamente aquilo que muitos sentem faltar na realidade: profundidade simbólica, mistério e a perceção de que a vida é parte de algo maior, uma espécie de saudade de encantamento.

À luz da fé cristã, estas expressões culturais constituem simultaneamente uma oportunidade e um desafio. Uma oportunidade, porque mostram que o coração humano mantém viva a sede de transcendência. Um desafio, porque exigem da pastoral da Igreja uma atenção redobrada à formação das crianças. É necessário explicar que, ao contrário da magia, a fé não consiste em técnicas de domínio de uma força, mas numa relação com Deus vivo, que transforma a vida pela graça do Espírito Santo.

Cabe à Igreja, sobretudo à catequese e à pastoral juvenil, escutar e iluminar este desejo de mistério, apresentando a pessoa de Jesus Cristo, que não promete superpoderes, mas sim um sentido para a vida.

Ordenações Sacerdotais

A Diocese do Funchal contará em breve com dois novos sacerdotes, que serão ordenados no sábado, 10 de janeiro de 2026, às 11h00, na Sé do Funchal, numa celebração presidida por D. Nuno Brás. Trata-se dos diáconos Marcos Rebelo, da Paróquia da Calheta, e Diogo Sousa, da Paróquia do Caniçal, a quem a Diocese confia o serviço à Igreja e ao Povo de Deus na Madeira, convidando todos os fiéis a unirem-se em oração por este momento de graça e pelas vocações sacerdotais. As missas novas estão marcadas para 11 de janeiro, às 16h00, na Igreja do Caniçal, e 18 de janeiro, às 16h00, na Igreja Matriz da Calheta.

Jubileu da Solidariedade

O Jubileu da Solidariedade, celebrado no contexto do Dia Mundial dos Pobres, reuniu no domingo, 16 de novembro, na Sé do Funchal, diversas instituições sociais, autoridades e fiéis numa ocasião que destacou a centralidade da caridade na vida da Diocese. O bispo do Funchal sublinhou que "quando somos solidários, isso torna-nos mais felizes", recordando que o amor é critério de discernimento e ação cristã, capaz de iluminar e transformar a realidade. Na homilia, evocou a doutrina social da Igreja e as palavras de Bento XVI para reforçar que a justiça e a caridade caminham juntas e que o amor cristão permanece sempre necessário. No final da celebração, o cónego Rui Pontes agradeceu o envolvimento das instituições presentes.

75 anos do Centro de Reabilitação Psicopedagógica da Sagrada Família

Foto: Duarte Gomes

Luísa Gonçalves

A Igreja dos Álamos recebeu na segunda-feira, 17 de novembro, a Eucaristia de encerramento do 75.º aniversário do Centro de Reabilitação Psicopedagógica da Sagrada Família, numa celebração marcada pela fé, gratidão e reconhecimento.

A missa foi presidida pelo bispo do Funchal, que, na homilia, aprofundou o tema central da celebração: o amor como fundamento de toda a ação humana e cristã.

Na sua reflexão, o prelado destacou quatro pontos essenciais sobre o amor, sublinhando que este "não é uma ideia, não é um conceito, mas o acontecimento de Deus que nos ama a ponto de dar a vida por nós".

Referiu ainda que este amor divino se manifesta nas múltiplas formas de cuidado presentes no quotidiano.

Sobre o cuidado ao próximo,o bispo diocesano vincou que todo aquele que "percebe este amor grande de Deus não pode deixar de cuidar do próximo. Não pode deixar de se sentir interpelado por aquele irmão que ali está diante de si."

Terminou com um agradecimento especial às religiosas:

"Muito obrigado às irmãs hospitaleiras por nos darem este exemplo de transformação daquilo que vivem em amor para o próximo. Que o Senhor abençoe as suas obras."

Em nome das Irmãs Hospitaleiras e de toda a equipa do Centro, a irmã Margarida Costa e Silva expressou profunda gratidão pela presença de todos.

"Queríamos agradecer a presença de todos, este é o nosso incentivo diário: viver a esperança, enraizadas na esperança que nos anima e que comungamos no serviço e na entrega", vincou a propósito a religiosa.

Referindo-se ao trabalho da instituição, explicou que o mesmo "nem sempre é fácil", mas que "há muita alegria no que fazemos".

A religiosa valorizou ainda o papel dos colaboradores sublinhando que "eles são parte da nossa história.●

Igreja viva

O fim de semana de 15 e 16 de novembro foi vivido com alegria e profunda comunhão nas paróquias do Carvalhal (15), Canhas (16), no sábado e em São Roque do Faial (16) e Faial (27), no domingo. Estas quatro paróquias da diocese acolheram as celebrações do Sacramento do Crisma, presididas por D. Nuno Brás, Bispo do Funchal. Jovens e famílias reuniram-se para renovar o compromisso cristão e receber o dom do Espírito Santo. No final das celebrações, os párocos das respetivas paróquias, Pe. João Humberto Mendonça e Pe. Paulo Silva, dirigiram palavras de gratidão ao prelado, catequistas e famílias.●

Foto: Duarte Gomes

NÓS POR CÁ

Não queremos outro Senhor

D. Nuno Brás

Habitualmente, achamos que Jesus nos pertence. Vivemos como se o pudéssemos adaptar aos nossos pensamentos, aos nossos gostos, ao nosso modo de viver. Somos aquilo que alguém qualificou de "cristãos moderados"... Pensamos que Jesus é nosso e que, por isso, podemos fazer com Ele o que quisermos; podemos tratá-lo quase como um objecto — vá lá: como uma ideia, mas sempre "adaptável" ao nosso pensamento.

Só que o cristianismo consiste na atitude precisamente contrária: somos nós que pertencemos a Cristo. Somos baptizados em seu nome (melhor: em nome da Santíssima Trindade). A partir desse momento, passámos a ser seus, e queremos, cada vez mais, ser ainda mais seus: deixar que, em cada dia, Ele molde o nosso modo de viver, os nossos sentimentos, a nossa vontade, a forma como estamos diante da realidade e do nosso próprio eu interior. Ele é, de verdade, o "nosso Senhor".

E isso, longe de nos fazer escravos — e conhecemos tantos casos de quem é escravo de um outro ser humano ou até de si mesmo (para já não falar dos que são escravos dos seus vícios ou dos seus pensamentos, ou mesmo dos seus animais) — longe de nos fazer escravos, torna-nos mais humanos e, ao mesmo tempo, mais divinos, mais semelhantes a Ele. Como o próprio Jesus afirmou: "Já não vos chamo servos mas amigos" (Jo 15,15).

Pertencemos ao Senhor. Como é grande a alegria de sermos seus! Sabemos que Ele cuida dos seus (Lc 21,18: "Nenhum fio de cabelo da vossa cabeça se perderá) e, por isso, sabemos que Ele cuida de nós, de cada um e de todos. Sim: Jesus é o nosso Rei, e não queremos outro Senhor sobre a terra. Nele, encontramos a verdadeira liberdade.●

"Pertencemos ao Senhor. Como é grande a alegria de sermos seus! Sabemos que Ele cuida dos seus"

Domingo XXXIV do Tempo Comum

EVANGELHO (Lc 23, 35-43)

Naquele tempo, os chefes dos judeus zombavam de Jesus, dizendo: «Salvou os outros: salve-Se a Si mesmo, se é o Messias de Deus, o Eleito». Também os soldados troçavam d'Ele; aproximando-se para Lhe oferecerem vinagre, diziam: «Se és o Rei dos judeus, salva-Te a Ti mesmo». Por cima d'Ele havia um letreiro: «Este é o Rei dos judeus». Entretanto, um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-O, dizendo: «Não és Tu o Messias? Salva-Te a Ti mesmo e a nós também». Mas o outro, tomando a palavra, repreendeu-o: «Não temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício? Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo das nossas más ações. Mas Ele nada praticou de condenável». E acrescentou: «Jesus, lembra-Te de Mim, quando vieres com a tua realeza». Jesus respondeu-lhe: «Em verdade te digo: Hoje estarás comigo no Paraíso».●